



## OS JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS: UM “LUGAR ANTROPOLÓGICO”

Juliana Guimarães Saneto<sup>1</sup>  
José Luiz dos Anjos<sup>2</sup>

*PALAVRAS-CHAVE: Jogos dos Povos Indígenas; Relações Sociais; Lugar; Não-Lugar;*

Os Jogos dos Povos Indígenas – JPI consistem em um evento de ordem nacional, organizado pelo Comitê Intertribal Memória e Ciência Indígena e financiado pelo Governo Federal, representado majoritariamente pelo Ministério do Esporte. Realizado pela primeira vez em 1996, foi no ano de 2011 que o evento chegou a sua XI edição,<sup>1</sup> evidenciando as práticas corporais indígenas a partir de danças, lutas, jogos, pinturas e adornos corporais.

O estudo busca compreender a relação simbólica entre os JPI e seus participantes. Ao assumirmos a proposta de lançar um olhar sobre os JPI e sobre os sujeitos sociais que lhes dão significados, buscamos em Marc Augé e Anthony Giddens elementos teóricos para embasar nosso estudo acerca da constituição de *espaço* e de *lugar* nos JPI.

A pesquisa, descritivo-interpretativa, seguiu pela abordagem qualitativa. Fomos a campo, realizamos entrevistas guiadas com quatro participantes indígenas e consubstanciadas pela observação dos JPI. Os dados foram analisados considerando que não é o indivíduo isolado tomado como sujeito, mas a expressão de suas manifestações na realidade social em que está inserida a sua produção subjetiva e interação simbólica.

Augé (1994) analisa as transformações aceleradas em relação ao *espaço*, em decorrência da supermodernidade. Para ele, essas mudanças resultam na multiplicação do que denomina de “não-lugares”,<sup>2</sup> caracterizados por não serem relacionais e identitários, uma vez que pertencem a todos e ao mesmo tempo a ninguém. Esses são *espaços* esvaziados simbolicamente, em que há intensa circulação de pessoas, mas sem o estabelecimento de relações sociais e sem qualquer vínculo com esses *espaços*. Por meio dos “não-lugares”

---

<sup>1</sup> O evento aconteceu entre os dias 05 e 12 de novembro de 2011, na Ilha de Porto Real, localizada no município de Porto Nacional, distante cerca de 60 km de Palmas, capital do estado de Tocantins.

<sup>2</sup> O “não-lugar” é exemplificado por Augé (1994) como rodoviárias, aeroportos, supermercados, centros comerciais, entre outros que se configuram como espaços de passagem incapazes de dar forma a qualquer tipo de identidade. Como produto do contemporâneo, o “não-lugar” é o oposto do lugar antropológico designado desde Marcel Mauss e da ideia de totalidade, que o define como identitário, relacional e histórico.

enxergamos um mundo provisório, efêmero e individual. Os “não-lugares” são considerados uma nova configuração social, que se define pelo excesso de acontecimentos, pela abundância espacial e pela individualização das referências, correspondendo a transformações do tempo, do espaço e do indivíduo. Apreendemos que as transformações trouxeram o “esvaziamento do tempo” e com ele seguiu, subseqüentemente, o “esvaziamento do espaço”. A concepção de “espaço vazio” e de “não-lugar” nos remete à diferenciação entre *espaço* e *lugar*.

Para Giddens (1991, p. 27) o contexto atual, a modernidade, “[...] arranca crescentemente o espaço fomentando relações entre outros ‘ausentes’, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face”. Nesse sentido, *lugar* está intimamente relacionado com a concepção de *espaço*, no entanto pressupõe que haja relações socioafetivas decorrentes de experiências socioculturais. Já o *espaço*, refere-se a uma área impessoal e indiferente, mas que pode vir a se tornar um *lugar* dotado de valor e significado. Só assim, o *lugar* deixa de ser um *espaço* abstrato e adquire uma linguagem entre os indivíduos.

Os JPI parecem se constituir como um “lugar antropológico”, que surge de uma construção concreta e simbólica do espaço físico. De acordo com a observação do evento, consubstanciada por Pinto e Grando (2009) e pelo documentário “IX Jogos dos Povos Indígenas”, é possível identificar o evento dotado de significados por seus idealizadores, organizadores e principalmente pelos participantes indígenas convidados.

O evento pressupõe um intercâmbio social, cultural e econômico como vimos em Almeida (2010). Diante disso, possibilita relações sociais, manifestações culturais, legitimação de identidades e a visibilidade das etnias indígenas participantes: “[...]os Jogos pra nós é uma oportunidade de mostrar isso e de estar com outros povos que são os nossos parentes” (TERENA); “Eu fico feliz de nós estar aqui [...] é um aprendendo com o outro. Então é por isso que a gente quer esse espaço” (GAVIÃO PARKATEGÊ); “Todas as etnias vem com vontade mesmo, aquela vontade de vivenciar, de participar, de relacionar com os parentes” (BORORO).

Identificamos ainda que as relações étnicas e interétnicas travadas durante o evento não se limitam a sua realização, pois são estendidas para além do espaço/tempo dos Jogos: [...] agorinha o líder Xicrin nos convidou pra gente pra ir participar dos jogos internos deles, [...] pra gente ir lá, fazer um intercâmbio cultural, junto com eles. Os Jogos é bom pra gente ser respeitado como Assurini (ASSURINI).

Apesar da compreensão dos Jogos como um *lugar* relacional e identitário, é preciso pontuar que o evento não é vinculado a um *espaço* fixo de referência, pois desde a sua primeira edição, tem sido realizado em diferentes cidades brasileiras. Nesse sentido, compreendemos os

Jogos como um *lugar* simbólico e flutuante, que apesar de depender de um espaço físico para sua realização não está íntima ou necessariamente vinculado ao *lugar* como ele parece se constituir simbolicamente por seus participantes. O *espaço* dos Jogos é simbólico e reside no imaginário dos idealizadores, dos organizadores e, principalmente, dos participantes indígenas do evento. Estes se deslocam de suas aldeias para encontrar nos Jogos dos Povos Indígenas um *espaço* configurado para promover relações interétnicas e oportunizar a celebração de tradições e identidades, por meio de rituais, de cantos, danças, lutas, jogos, pinturas e adornos corporais.

A observação nos permitiu interpretar os JPI como um *lugar* constituído num espaço físico abstrato, em que “[...] os lugares e os não-lugares misturam-se e interpenetram-se” (AUGÉ, 1994, p. 98). Esse *espaço* constitui-se como *lugar* na medida em que os sujeitos sociais imprimem nos JPI algo de si, tornando-o cenários de relações sociais e de sentimentos partilhados. A compreensão dos JPI como um *lugar* simbólico e flutuante se dá em decorrência da diversidade de cidades que sediaram o evento, desde a sua primeira edição, revelando que não houve uma relação direta e simbólica com o espaço físico e geográfico especificamente. Dessa forma, o espaço físico foi utilizado como um meio para a instalação provisória de um *lugar*, para a concretização dos Jogos dos Povos Indígenas e suas manifestações.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. J. M. IX Jogos dos Povos Indígenas: registro da memória. In: PINTO, Leila Mirtes Santos Magalhães; GRANDO, Beleni Saléte (Org.). *Brincar, jogar, viver: IX Jogos dos Povos Indígenas*. Cuiabá: Central de Texto, 2010. 24-41.
- AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994.
- DUQUE, R. (Dir.). *Documentário IX jogos dos povos indígenas*. Produção: Fantasias Luminosas. Brasília: Ministério da Cultura e Ministério do Esporte, 2008. 1 DVD.
- GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974.
- PINTO, L.M.S.M.; GRANDO, B. S. (Org.). *Brincar, jogar, viver: IX Jogos dos Povos Indígenas*. Cuiabá: Central de Texto, 2009.

## FONTE DE FINANCIAMENTO

Companhia de Desenvolvimento de Vitória (ES) - Fundo de apoio à Ciência e Tecnologia.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação Física (UNICAMP) – jsaneto@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Sociais (Docente-UFES) – jluanjos1@hotmail.com.